

# Uma epistemologia comunitarista da comunicação

## *A communal epistemology of communication*

■ RAQUEL PAIVA<sup>a</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro – RJ, Brasil

### RESUMO

O texto discorre sobre a perspectiva de reinterpretação do conceito de comunidade proposto pela autora, desde os seus estudos iniciais com o desdobramento de conceitos que a qualificam para o entendimento da estrutura na atualidade, como comunidade gerativa e minorias flutuantes. A autora realiza um entrecruzamento da atividade de pesquisa com sua existência individual, social e profissional, contexto em que emergem os colegas da Universidade de São Paulo, com os quais, ao longo dos anos, estabeleceu relações e considera referências, como o decano José Marques de Melo. Trata-se de uma reflexão revisionista e autobiográfica, por isso realizada na primeira pessoa, uma vez que se entrecruzam de maneira intensa produção intelectual e vida pessoal.

**Palavras-chave:** Comunicação comunitária, comunidade gerativa, epistemologia compreensiva

### ABSTRACT

This paper discusses the reinterpretation of the concept of community as proposed by the author, from her initial studies to concepts that qualify it to understanding today's social structure, such as generative community and fluctuating minorities. Her research activity intersects with her individual, social and professional existence, context in which colleagues from University of São Paulo, with whom she established relationships over the years and considers references, such as dean José Marques de Melo, emerge. This revisionist and autobiographic reflection is written in the first person, since intellectual production and personal life are intensely intertwined.

**Keywords:** Community communication, generative community, comprehensive epistemology

<sup>a</sup> Jornalista. Doutora e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Pós-Doutorado pela Università di Torino. Fundadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da UFRJ. Professora Emérita da Escola de Comunicação da UFRJ. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8786-751X>. E-mail: [raquelpaiv@gmail.com](mailto:raquelpaiv@gmail.com)

“ANDAM BOIANDO, À superfície / da minha alma, restos / de coisas que eu não sei se, juntas, bastariam / para formar a vida... Ou se eram só pretextos.” Esse poema do poeta português Cabral do Nascimento, falecido em 1978, sempre me intrigou e ficou como um enigma para mim. Eu começo a incursão na minha vida de produção teórica desta maneira – com um esforço revisionista autobiográfico, acreditando que, por trás da biografia de um autor, está a cartografia de seu tempo e de seu trabalho – e porque tenho claro que, em função do gosto especial pela poesia, poderia ter seguido outro caminho. Aliás, cheguei a ter um poema publicado numa coletânea que a Prefeitura de Juiz de Fora produziu, lá pelo final dos anos 1970, começo dos 1980, com o título “Novos Poetas”. Tempos depois, descobri que tinha sido muito audaciosa em me inscrever no concurso e, mais ainda, ter sido selecionada para publicar um poema ao lado de alguns que hoje figuram como escritores e poetas de renome do país.

Nunca mais publiquei nada de literário. Após a curta carreira de poeta, me embrenhei no ofício de narrar jornalisticamente o cotidiano e depois em refletir, questioná-lo e tentar produzir formatos alternativos e inclusivos para a brilhante atividade de descrever a vida. Em 1984, ao ser aprovada em concurso público na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), entrei definitivamente para a atividade que sempre norteou minha vida e que me deu mais prazer: a de estar perto dos livros, mais até que de gente. Essa é a verdade que tenho a admitir, antes de empreender uma narrativa objetiva sobre mim mesma, considerando que meus relacionamentos amorosos, familiares e de amizade sempre me trouxeram mais questionamentos que apaziguamentos. Essa seria possivelmente uma das razões de ter apostado sempre em procurar demonstrar a viabilidade de uma proposição, muitas vezes considerada como utópica. Comunidade sempre foi para mim o horizonte de uma vinculação e uma prática de bem comum.

A empatia sempre foi uma marca em minha vida, e a exerci até mesmo em atividades de gestão que assumi. Ocupei todos os lugares que quis, realizei tudo o que gostaria de fazer e não tenho um milhão de amigos, porque não saberia cuidar de tanta gente, mas os pouquíssimos que tenho possuem a certeza de que podem contar comigo. Essa certeza é o que me move, impelida pelo teórico francês Maurice Blanchot (1984), para quem a comunidade serve para que se reconheça a individualidade.

Mas é urgente afinar esse aspecto singular da minha personalidade a fim de evitar as conclusões apressadas. Minha maior luta sempre foi comigo mesma, minha timidez e a dificuldade de socialização, que atribuo em parte aos longos

anos de colégios religiosos e ao fato de ter passado o período mais fértil da vida sob os ditames de uma ditadura militar, que impôs a toda uma geração um ensino para o qual eu era (e sou) particularmente inapta: o famigerado científico, em que as humanidades foram completamente banidas em prol das álgebras, químicas orgânica e inorgânica, física, biologia e que tais.

Devo esclarecer que convivi muito de perto com os militares e suas famílias, porque vivi a infância e adolescência em lugares que um amigo certa vez nomeou como “ilha da fantasia”, as vilas militares. Meu pai, que morreu durante a pandemia de covid-19, aos 84 anos, foi a pessoa mais marcante de minha vida. Foi ele quem insistiu para que eu ingressasse na universidade pública aos 17 anos e depois apoiou que eu fosse morar no Equador por seis meses aos 25 anos, quando fui selecionada como uma das 12 professoras da América Latina para ser *becaria* no Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), instalada naquele país do qual pouco se sabia em 1985. Eu sempre o admirei em sua vida nada fácil, por ter sido a pessoa com quem pude experimentar o afeto e a parceria por mais longo período, além de ter sido o único a se deliciar com minhas histórias, fossem boas, o que lhe arrancava grandes gargalhadas, ou ruins, que visivelmente lhe cortavam o coração.

Ingressei neste texto e dele consumi duas longas páginas, porque não consigo me reconhecer desencarnada desses aspectos, ainda que pessoais, que compõem com tintas firmes minha produção teórica e os relacionamentos profissionais, aos quais passo agora a me dedicar com mais ênfase. Certa vez, uma colega me diagnosticou como nômade. Foi certa na sua definição ao saber de uma pessoa que já havia morado em Juazeiro, Petrolina, Catolé do Rocha, Pindamonhangaba, Pires do Rio, Recife, Natal, Boa Vista, Juiz de Fora, Quito, Turim e Rio de Janeiro. Esse nomadismo, que faço questão de admitir, me foi muito importante por propiciar o reconhecimento da possibilidade de cerzimento dessa colcha de retalhos que é a existência humana.

Pretendo concluir essa parte inicial trazendo a opinião de alguns professores com quem trabalhei e que foram muito importantes para a minha formação. O primeiro deles conheci ainda na faculdade, onde, me orgulho de dizer, conheci autores que são minha bibliografia da alma até hoje: Josué de Castro, “A Retórica” de Aristóteles e Paulo Freire. José Luiz Ribeiro, meu professor e orientador na graduação na UFJF, de quem fui monitora por um longo período e depois colega, incentivador e padrinho do meu primeiro casamento, em recente depoimento disse que fui “formada na têmpera que forja valores intangíveis. Um temperamento de forte personalidade e altivez na realização de suas metas. Eu diria uma autêntica guerreira” (Ribeiro, 2013 apud Fernandes & Gabbay, 2014, p. 237).

**COLEGAS, AMIGOS E REFERÊNCIAS TEÓRICAS DA ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Também me recordo com imenso carinho dos tempos em que atuei na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), primeiramente como coordenadora de um núcleo de pesquisas dedicado a estudar as minorias, depois como Diretora Cultural e ainda como Diretora Científica, gestões sempre acompanhadas pela presença firme e empreendedora de José Marques de Melo. Não tenho nenhuma dúvida de que o respeito e a admiração sempre foram mútuos. Se houvesse alguma dúvida, aí estava sempre Dona Silvia, sua esposa, a me relembrar a afetividade compartilhada sempre que nos encontramos. E trabalharmos juntos significava ter no e-mail, às 7 horas da manhã, as suas designações e tarefas para cumprir.

José Marques em São Paulo, na Universidade de São Paulo (USP), José Luiz Ribeiro em Juiz de Fora, na UFJF, e ainda Muniz Sodré – com quem partilho a vida – na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), todos me transmitiram esse espírito de desbravamento e firmeza que os levou, cada um em seu respectivo lugar, a fundar uma escola dedicada a estudar e ensinar comunicação. O tempo pode passar, novas gestões imprimem novas diretrizes, mas origem é destino e é inegável que José Marques marcou com seu espírito empreendedor os lugares por onde passou. A sua preocupação em aglutinar, produzir agendas na área e registrar as realizações, de maneira a consolidar a instituição, sempre me chamaram atenção, possivelmente por serem práticas que se aproximam do “espírito comunitário” e vinculativo. Numa dessas missões criativas, organizamos um livro em comum quando ele introduziu os prêmios por categorias de pesquisadores, os quais nomeou como fundadores os autores importantes para o campo da comunicação.

Uma vez, para meu orgulho, pude ouvi-lo dizer em uma das muitas reuniões: “Raquel é uma republicana”. Esse seu elogio me marcou tanto que o utilizei para iniciar um texto que escrevi sobre ele. Com essa frase, selamos nossa parceria, porque me encheu de orgulho saber que reconhecia minhas metas pela igualdade e respeito. Vimo-nos pela última vez em uma reunião na sede da Intercom, quando me deu um lote de livros retirados de sua biblioteca pessoal. Tive outras oportunidades em que podia tê-lo reencontrado, mas confesso ter escapado para não o ver já consumido pelo mal de Parkinson, que dificultava seus movimentos e tornava sua fala de difícil compreensão. Nessa última vez, inclusive, escapuli da reunião antes do seu término, e sei que ele, inteligente, sensível e sagaz como era, compreendeu bem meus motivos. Ainda hoje, deparo-me com muitos e muitos e-mails que trocamos ao longo dos anos. Com José Marques de Melo pude conhecer mais de perto colegas paulistas, tanto da Escola de Comunicações e Artes (ECA) quanto de outras faculdades, estreitar parcerias e

amizades com alguns que foram da minha bibliografia de estudante, como Ciro Marcondes, Arlindo Machado, Lucia Santaella, Cremilda Medina, Ana Maria Fadul e Lucrécia Ferrara.

Tenho receio de deixar alguém de fora, mas não posso deixar de citar a amiga e parceira Maria Immacolata Vassallo, que inclusive fez o prefácio de um de meus livros, *Política: Palavra Feminina*, uma pesquisa sobre mulheres e política, em especial, sobre as eleições de 2006. Também é impossível não me recordar de Ismar Soares, referência na área da Comunicação Alternativa, com quem tive o prazer de trabalhar algumas vezes em função principalmente da proximidade temática. Mas não posso deixar de mencionar, ainda da ECA-USP, colegas com quem trabalhei de perto, como Ismail Xavier, quando fomos representantes de área no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e os pesquisadores Adilson Citelli, Margarida Kunsch, Irene Machado e ainda Cláudia Lago, minha companheira de vários encontros da International Association for Media and Communication Research (IAMCR), entre outros com os quais tenho tido interfaces ao longo dos anos.

## MEUS DESENHOS E LINHAS DE PESQUISA

Acredito que, quando eu menciono colegas, amigos e mesmo referenciais teóricos, esteja já desenhando a composição dos materiais que formam a minha vida de reflexão. Mas, ainda que tais materiais de percurso afetivos sinalizem a conformação plástica da minha área de pesquisa, é necessário precisar que meu envolvimento temático, que se avizinhou a partir do curso de Comunicação Comunitária em 1985, se consolidou mesmo no ano de 1997, quando defendi minha tese de doutorado e criei com um querido orientando de graduação e de mestrado, André Esteves, o Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (Lecc).

Em 2019, iniciando os preparativos para o centenário de Paulo Freire, comecei a refletir sobre a metodologia de pesquisa que vínhamos desenvolvendo há 12 anos, tanto com atividades e intervenções práticas em favelas do Rio de Janeiro quanto com as disciplinas na graduação e na pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, textos publicados no Brasil e no exterior, participação em congressos e seminários e um número considerável de monografias, dissertações, teses e relatórios de pós-doutoramento. E, assim, considere que o que havia me movido até então e o que tinha feito com que meus alunos e orientandos tivessem se conectado com a temática havia sido o desejo de compreender: o exercício da compreensão. Pensamos a partir do Lecc que nossa proposta era a de uma epistemologia compreensiva, por ser inclusiva no sentido de conferir o mesmo patamar a todas as formas de conhecimento que emergem no território.

Isso explicaria a variedade de temáticas, territórios, linguagens e possibilidades do comunitário que chegaram a mim por meio de estudantes e pesquisadores de todo o Brasil. No fim das contas, o Lecc ampliou o conceito de *comunidade* para uma ideia compreensiva tão plena de possibilidades quanto pode ser a comunicação humana. Projetos no campo das favelas, das ruralidades, da arte, da cultura brasileira, do rádio e da imprensa e de gênero tinham todos em comum a procura pelo comum.

Essa perspectiva tem possibilitado a ampliação ativa do espectro de trabalhos e pesquisas do Laboratório, incluindo cada vez mais temáticas que se complementam e que estão assentadas em bases freireanas. O que Paulo Freire (1996) preferiu nomear como *epistemologia da curiosidade* o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2010) prefere chamar de *epistemologias do Sul*. Para Paulo Freire, sua epistemologia é uma espécie de antídoto para as certezas que, no espectro do conhecimento, perfazem um ambiente limitador. Na perspectiva de Boaventura, no Hemisfério Sul podem surgir novas possibilidades de intervenção no conhecimento engessado, com novas formas cognitivas, e a partir do pensamento da economista indiana Vandana Shiva (2003) o autor propõe uma ecologia dos saberes.

A proposição da ecologia dos saberes, ou seja, a convivência entre diferentes formas de interpretação do mundo num mesmo grau de importância científica é o que temos chamado de epistemologia compreensiva. A perspectiva compreensiva permite contornar a “monocultura do saber e do rigor”, ou seja, a ideia norteadada pelo rigor do saber hegemônico, em que outras possibilidades de conhecimento e saberes plurais não têm estatuto e validade científicos. A suposição de inclusão dos saberes oriundos do Hemisfério Sul traz embutida a concepção de que o colonialismo ao qual as nações dessa parte do planeta foram submetidas deve ser superado e de que as maneiras e os conhecimentos produzidos por essas populações constituem um saber com lastro científico.

A compreensão representa a proposta pragmática desse debruçar-se sobre a multiplicidade de saberes que compõem a nossa cultura. E ter percebido que toda a minha vida foi pautada por essa perspectiva teórica foi sem dúvida o reconhecimento de uma proposta não apenas teórica, mas de atuação social, ambas em curso há mais de 30 anos.

Importante salientar que a proposição centrada na compreensão necessariamente mobiliza um esforço do conhecimento que não se restringe ao pensamento ancorado no indivíduo como sujeito do processo. A construção tem necessariamente por base o agir social, a composição de um solo coletivo, de grupalidade ou, mais adequadamente, comunitário. É também importante lembrar que “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos” (Freire, 1977, p. 27).

A epistemologia compreensiva implica então o sujeito em sua construção coletiva, plural, contraditória e aberta. A recente experiência da pandemia da covid-19 deixou, entre tantas lições ainda não digeridas, a consciência da importância de uma construção coletiva da ciência, a fim de que se possa atuar de maneira gerativa sobre as sociedades.

As bases para essa minha proposição e atuação vêm de Paulo Freire, mas também de Milton Santos, Darcy Ribeiro e Muniz Sodré, com suas perspectivas de valorização do território e de tudo o que lhe diga respeito. Afinal, a questão central é a da cultura e dos seus tecidos. Por outro lado, impossível não mencionar as bases que consolidam todos os meus estudos em torno da questão comunitária.

Tenho que admitir que, ao longo dos anos, com muita frequência tenho manuseado autores que acredito propiciarem um entendimento mais direto por parte de alunos e pares, e entre eles está o alemão Ferdinand Tönnies, com sua distinção bastante pedagógica entre comunidade e sociedade. Formei inúmeros pesquisadores a partir de seu livro e das interpretações e leituras que realizamos. Nunca soube direito se preferiam o original ou a interpretação que sempre fiz do seu esforço reflexivo. Nessa empreitada, nunca deixei de lado textos dos clássicos, como Max Weber em torno da ação social e a questão da solidariedade em Émile Durkheim. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de Friedrich Engels, foi desde a faculdade um dos livros que caíram na minha vida como uma espécie de raio e me fizeram entender a presença do ser humano na Terra. Qualquer texto que eu tenha escrito sobre a questão de gênero e patriarcalismo sempre estiveram baseados nesse escrito, ainda que nunca esteja perfilado em minhas referências bibliográficas.

Há outros que, devo reconhecer, nunca figuram como minhas referências, mas constituem sólidas bases de minhas reflexões e maneiras de pensar. Por exemplo, Freud faz parte de um período de minha vida que ainda levei para o mestrado, no qual a Psicologia se constituía como campo que gostaria de estudar. No mestrado, ampliei esse espectro com as leituras dos seminários de Jacques Lacan, que por sua vez me levaram para Julia Kristeva, uma autora por quem tenho muita admiração. Mas Carl Gustav Jung foi uma leitura mais recente, nunca totalmente concluída e jamais citada expressamente por mim, apesar da inegável força teórica que suas proposições têm sobre mim e minhas pesquisas atuais.

Retomando a linha em torno dos propósitos que fundam a base da minha produção em torno da proposição comunitária, acredito que posso delimitar, após discorrer sobre o escopo dos autores clássicos, dois períodos como marcantes do contato com autores que consolidaram minha pesquisa: o período da

descoberta de expoentes da América Latina, em que figuram Antonio Cabezas, Daniel Prieto, Juan Diaz Bordenave e Mário Kaplún, e o período do estreitamento de leituras que ampliaram o leque teórico em torno da questão comunitária, a partir do filósofo italiano Gianni Vattimo, com quem estudei na Università Degli Studi di Torino, em 1995, quando tive contato com a obra de Karl-Otto Apel e sua comunidade ilimitada da comunicação a que tanto se referia Vattimo naquela época. Também tive contato com a obra de um autor que ficou como um dos meus autores preferidos; tendo lido quase tudo o que escreveu o filósofo pragmatista americano Richard Rorty. Consequentemente, me detive mais em John Dewey, a quem sempre recorro quando preciso discorrer sobre o eixo democracia-cidadania-educação-comunidade.

Até então, a fundamentação em torno da temática da comunidade havia sido basicamente pela Antropologia e pela Sociologia. Houve um período, em meados dos anos 1990, quando se iniciaram os estudos da questão da virtualidade, com inúmeras publicações sempre norteadas pelo princípio da filia, ou seja, a desvinculação da proximidade via territorial e mesmo dos laços de parentesco em direção à grupalidade e às tribos, com Michel Maffesoli, assim como Benedict Anderson.

Dentre os textos que me marcaram nessa fase, não posso deixar de citar as discussões teóricas entre Maurice Blanchot e Jean-Luc Nancy a respeito da temática. Os dois autores franceses estiveram no centro das discussões sobre o comunitário na década de 1980: Jean-Luc Nancy com o seu célebre *A Comunidade Inoperada* e Maurice Blanchot com *A Comunidade Inconfessável*. Finalmente, devo citar um autor de quem também traduzi e publiquei um texto, o italiano Roberto Esposito, com seus *Communitas* e *Immunitas* que, na minha opinião, encerram a discussão em torno das diferenças entre a agregação e a fragmentação.

Entretanto, para encerrar a abordagem em torno da epistemologia compreensiva e seus materiais, me falta a abordagem de um autor básico para os materiais dessa teoria. Meu primeiro contato com seus escritos foi lá pelo final dos anos 1980, quando cheguei a assistir algumas de suas conferências. Está bastante presente em um dos meus livros, o *Histeria na Mídia*, mas com certeza compõe o solo de minhas reflexões. Pude ter alguma convivência com Jean Baudrillard, por ser muito amigo do meu companheiro de vida. E tenho no meu currículo um dos meus aniversários em que passamos os quatro, comendo comida baiana em um restaurante aqui no Rio de Janeiro: eu, Muniz, Baudrillard e Vattimo.

Recentemente, fui convidada a participar de um evento em sua homenagem na Universidade de Quebec, e talvez por estarmos no meio do período pandêmico, e eu imaginasse seu semblante nada surpreso diante da insólita situação, escrevi um texto em que unia o pensamento da liderança indígena Ailton Krenak

ao de Jean Baudrillard. Baudrillard tinha esse olhar preciso sobre as catástrofes, as anunciadas, iminentes e as reais, e conseguia ser imensamente criativo diante delas. Talvez mesmo por essa razão tenha se tornado um fotógrafo nos últimos anos de sua vida.

Para concluir este esboço teórico me falta a abordagem sobre a cidade. Tornou-se uma necessidade, na medida em que transcorriam as investigações teóricas e atuações nos espaços populares, o entendimento sobre o tecido social e o lugar gerador das forças aglutinadoras e dispersivas. Pensar a cidade nesse horizonte se transformou em um desafio, uma vez que a prerrogativa seria pensar a cidade real, mas não pelo olhar da Arquitetura, também não da Antropologia, mas sim a partir do *sensorium*, das marcas impressas nos corpos e nas mentes de quem vivencia essa obra em permanente processo. Por essa razão, meu autor básico foi o jornalista e sociólogo Ezra Park e os expoentes da Escola de Chicago, seguido por Richard Sennett e Sássia Sasken, assim como a jornalista e ativista Jane Jacobs, dentre muitos outros, em que incluo também Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini. E os escritores pelos quais tudo começou: James Hillman, Marc Augé, David Byrne, Pierre Sansot, Francesco Careri, entre outros, já que meu interesse inicial partiu da experiência da retomada do andar de bicicleta, em 2013.

O entendimento da cidade como espaço compreensivo me fez revisitar a ecologia urbana da Escola de Chicago em seu apogeu nas décadas de 1920 e 1930, com um Robert Ezra Park, engajado na reflexão sobre as modificações sociais e culturais que aconteciam de maneira vertiginosa nas cidades americanas, e em especial na própria Chicago, naquele começo de século XX. Debruçados sobre a observação direta, esses primeiros trabalhos sobre a cidade podem ser de grande serventia para os estudos atuais. Na verdade, ao revisar os escritos e as proposições que nortearam a Escola de Chicago, em especial no seu período mais florescente, podem ser encontrados textos de uma atualidade desconcertante e até mesmo similaridades nem sempre declaradas com muitos de conceitos que apareceram ali.

Além da observação sociológica dos americanos de Chicago, o psicólogo pós-junguiano James Hillman, com o seu *Cidade e Alma* (1993), trazia uma proposta muito aproximada daquilo que me interessava, sobretudo em sua abordagem sobre a insubstituível necessidade do homem de caminhar como forma de alcançar uma reflexão profunda sobre a cidade que transformamos, onde a cada dia esse simples ato torna-se cada vez mais dificultado. Como disse, minha relação com a bicicleta a partir do ano de 2013 trouxe consigo um interesse maior sobre os espaços em que transitamos e a forma como o território se abre ou se fecha para as dinâmicas do social.

Ainda entre os teóricos que vieram me ajudar na relação com a cidade, não posso esquecer do sociólogo alemão Georg Simmel, com o clássico *A metrópole e a vida mental* (1979), e do antropólogo americano já mencionado, Richard Sennett, que tem se dedicado a decifrar a vida urbana, destacadamente no livro *The Conscience of the Eye: The Design and Social Life of Cities* (1992), em que deixou bastante evidenciada essa relação entre os sentidos, a arquitetura, a obra de arte e a cidade.

Ultimamente, além dos autores que me permitem pensar o sensível, como Jacques Rancière, Maurice Merleau-Ponty, Muniz Sodré, em função da espreita de novos e impensáveis tempos, tenho me concentrado nos escritos do italiano Emanuele Coccia, o primeiro que me levou a pensar na temática da metamorfose como um caminho para o entendimento dos tempos atuais. Certamente, a pandemia parece constituir um marco civilizatório para os novos tempos, mas a ela se deve acrescentar também a reversão dos sistemas políticos em diversas regiões do planeta, com a instauração de projetos específicos, cujo acento primordial é o retorno à crueldade, própria da barbárie. Alguns autores, trilhando o caminho de diagnóstico pela metamorfose, argumentam mesmo tratar-se de uma profunda transformação, algo sem precedentes, e diferindo das mudanças sociais quando ainda se tinha no horizonte a premissa do desenvolvimento e do progresso. E talvez exatamente por esse cenário de grandes transformações e incertezas para a composição de prognósticos, duas categorias-conceitos que desenvolvi há alguns anos têm retornado com força total. Sobre elas passo a fazer uma exposição, exatamente também porque constituem conceitos teóricos de aplicação prática que derivam da epistemologia compreensiva.

### COMUNIDADE GERATIVA E MINORIAS FLUTUANTES

A proposta da comunidade gerativa se consolidou como projeto antes do novo milênio. A ideia das minorias flutuantes se formou a partir de 2002, no contexto da coordenação do grupo de trabalho da Intercom “Cultura de Minorias”. Pude então ter acesso a inúmeras propostas de grupos que se consolidaram em função de suas temáticas. Ambos os conceitos estão publicados em capítulos de livros que colegas da área do país e de Portugal organizaram e que eu mesma organizei. Estão também presentes em trabalhos de inúmeros orientandos e pesquisadores desde as primeiras publicações. De maneira surpreendente retornaram agora, durante a pandemia, quando vimos surgirem, principalmente nas grandes cidades, grupos autodenominando-se coletivos, com o objetivo de atuar em áreas abandonadas pelos governos constituídos.

Antes de dissertar mais longamente sobre estes dois tópicos é importante destacar que, por cerca de 10 anos, estive à frente do projeto BRICS-Jornalismo,

coordenado por mim no Brasil e que foi financiado pela Academia de Pesquisa da Finlândia, sob a coordenação do importante jornalista e pesquisador finlandês Kaarle Nordenstreng. Os resultados do projeto estão disponíveis no site<sup>1</sup>, mas me cumpre destacar que, ainda que o início do projeto tenha sido a pesquisa da atuação dos jornalistas nos países BRICS, seu cotidiano e produções, no Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, conseguimos ao longo dos anos inserir temáticas com as quais temos trabalhado, como a questão da comunicação contra-hegemônica, produções de rádio comunitária e alternativas para o padrão de comunicação vigente. Essas pesquisas, que se consolidaram em livros publicados pela importante casa editorial inglesa Routledge, nos levaram a constituir grupos de pesquisa e conhecer a realidade dos países BRICS. Mantendo o meu perfil agregador, que já fiz questão de ressaltar, inseri no projeto, além do professor e amigo desde os tempos de jornalismo, Márcio Guerra, e sua equipe da UFJE, que desde a primeira hora esteve comigo na realização do trabalho de campo, também colegas da UFRJ, da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e da USP, com a professora e amiga Cláudia Lago.

<sup>1</sup> <https://research.tuni.fi/brics/>

Hoje posso reconhecer que o período pandêmico me trouxe o benefício de consolidar olhares para a pesquisa que certamente não estavam tão visíveis anteriormente: a pesquisa está estreitamente vinculada à vida do indivíduo e dos seus grupos. Definitivamente, não existe pesquisa em separado e isolada: ou ela é integrada ou ela é um campo desértico, onde nada prospera. E foi assim, munida por essa definitiva compreensão, que duas portas fenomenais se abriram diante de tantas perdas do período pandêmico: a primeira, o convite para figurar como pesquisadora visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da UERJ, onde pude conviver mais de perto com colegas com quem já mantinha excelentes relações, aprofundar a amizade e produzir com um amigo, Ricardo Freitas, e os pesquisadores do seu laboratório. E, finalmente, o Laboratório que criei e coordenei até 2019, concorreu a um edital da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e foi o único a vencer na área de Humanas. O nosso projeto, com previsão de dotação orçamentária para quatro anos, começou a ser executado este ano com um curso de Comunicação Comunitária, envolvendo dezenas de pesquisadores de todos os níveis que integram o Laboratório, para 53 membros dos coletivos do Rio de Janeiro, Niterói, Duque de Caxias e Belford Roxo que estão atuando desde o início da pandemia.

Essa é a passagem que precisava para justificar as duas abordagens acima descritas. As *minorias flutuantes* foram uma proposta de abordagem surgida depois da publicação de *O Espírito Comum*, livro resultante de minha tese de doutorado, em 1997. Apesar de todo o esforço de construção do tema do

livro, e de sua boa recepção por parte da comunidade universitária, a busca por uma abordagem mais e mais compreensiva sobre os movimentos sociais contra-hegemônicos me levou a observar as diferentes estratégias de manifestação flutuante dos movimentos sociais no campo do discurso midiático. O primeiro texto com esse termo surge no Congresso da Intercom de 2001, intitulado “Minorias Flutuantes: Novos Aspectos da Contra-Hegemonia”, e coincide com meu interesse pelas formas de atuação de grupos como o Greenpeace e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Se por um lado a linguagem da mídia estabelecia uma arena discursiva de interesse dos movimentos sociais, por outro as dinâmicas de vinculação interna seguiam um rumo paralelo. Esse momento, marcado pelo livro que organizei com Alexandre Barbalho, *Comunicação e Cultura das Minorias*, em 2005, é também o início de meu mergulho sobre a questão dos afetos e de sua função gerativa.

Por *comunidade gerativa* entendemos a atuação do nosso Laboratório neste momento, na medida em que se qualifica para atuar junto aos coletivos no sentido de consolidar suas ações, com atividades que fortaleçam sua presença cidadã no contexto de megalópole desigual como o Rio de Janeiro. Na primeira atuação durante o mês de outubro foi realizado um curso com aulas presenciais e online sobre temáticas solicitadas pelos coletivos: comunicação comunitária, extração e tratamento de dados, questões raciais, abordagens sobre a cidade e a favela, mobilidade migratória, cobertura jornalística, além de fundamentos de pesquisa e temáticas como política e cultura. O Laboratório, nos próximos quatro anos, vai atuar como gerador para essas comunidades na medida em que vai manter um fórum permanente de discussão e encaminhamento das ações.

Então, para consolidar a questão da comunidade gerativa é preciso compreender que órgãos, instituições e mesmo grupos específicos podem assumir o papel de gerativos. A proposição de uma comunidade gerativa surgiu pela primeira vez em um capítulo escrito para o livro *Vozes Cidadãs*, organizado por Cicília Peruzzo (2004) para o grupo temático “Medios Comunitarios y Ciudadanía” da Associação Latino-Americana de Livre-Comércio (Alaic), em 2004. Naquela altura, a Comunicação Comunitária enfrentava desafios diante da implementação da Lei de radiodifusão comunitária nº 9.612, de 1998, que autorizava a Polícia Federal a fechar rádios populares não homologadas em um sistema burocrático quase impossível de ser atendido. Assim, a ideia de gerativo surge no hiato deixado pela transformação de um modelo de comunicação mais social em um modelo amplamente conduzido pelo mercado e pelos interesses de classe. É o começo de uma metamorfose em meu olhar rumo aos domínios mais afetivos da comunicação e do comunitário. Na comunidade

gerativa busca-se produzir ou gerar o bem comum; qualquer universalidade ou determinismo não são bem-vindos, mas, ao contrário, perseguem-se as transmutações afetivas e os pertencimentos.

E foi justamente na revista *MATRIZES*, em 2012, que apresentei pela primeira vez a proposição de uma *comunidade do afeto*, no texto “Novas Formas de Comunitarismo no Cenário da Visibilidade Total: A Comunidade do Afeto” (Paiva, 2012), em que me pergunto se seria a comunidade ainda um destino, diante de um mundo cada vez mais motivado pela lei da sobrevivência – um pensamento à época despertado pela imagem da impressionante tela do século XIX *Le Radeau de la Méduse*, de Théodore Géricault. Já tendo retornado a influência de Boaventura de Sousa Santos (2007) em sua sociologia das emergências, pensava na comunidade como um fenômeno vinculativo mais profundo, cujo cimento seriam os afetos, expressos nos sentimentos de generosidade e gratidão.

Finalmente, em março de 2020, recebi o título de Professora Emérita da UFRJ, casa a qual dediquei mais de 20 anos de minha carreira. O título chegou uma semana antes da pandemia da covid-19, quando ainda não imaginávamos a gravidade da travessia que enfrentaríamos. Foi a última solenidade da Escola de Comunicação da UFRJ e da própria Universidade. Com o retorno às aulas presenciais, dois anos depois, ainda se encontravam nas paredes os cartazes do evento. Na época, recebi a proposta com um misto de alegria e surpresa, uma vez que normalmente esse é um título conferido a professores mais longevos. Mas, pensando melhor, esse sempre foi um desafio que enfrentei ao longo da minha carreira, porque entre os colegas estrangeiros, por exemplo, muitas vezes me consideravam muito jovem para ser professora universitária, mesmo eu já tendo 30 anos de carreira.

Creio que minha carreira serviu para abrir caminhos para as jovens pesquisadoras dos tempos atuais, porque, na verdade, as pessoas hoje começam muito mais jovens. Por fim, foi um evento feminista, realizado na semana do Dia Internacional da Mulher e no centenário da UFRJ. A aura feminina estava presente desde a trilha musical – que iniciava com a jovem Alicia Keys e terminava com a mineira “Maria, Maria”, de Milton Nascimento – até a composição da mesa oficial, toda composta por mulheres, inclusive pela primeira reitora da centenária instituição.

Depois deste percurso autobiográfico e diante dos relevos nele encontrados, vejo que minha trajetória se entrelaça com a formação dos estudos em Comunicação Comunitária no nosso país. E esse foi um caminho dos afetos, por mais tortuoso que tenha sido. Por isso, encerro com um trecho de *Velho e o Mar*, de Hemingway: “É uma estupidez não ter esperança”. ■

**REFERÊNCIAS**

- Blanchot, M. (1984). *La communauté inavouable*. Édition de Minuit.
- Fernandes, G., & Gabbay, M. (2014). Raquel Paiva: A comunidade em questão. In A. Strelow, I. P. Aragão, O. J. Morais, S. Jaconi & T. C. Vaz, *Fortuna crítica da Intercom: Timoneiros* (pp. 241-262). Intercom.
- Freire, P. (1977). *Extensão ou comunicação?* Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Hillman, J. (1993). *Cidade e alma*. Studio Nobel.
- Paiva, R. (2012). Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: A comunidade do afeto. *MATRIZES*, 6(1-2), 63-76. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v6i1-2p63-76>
- Peruzzo, C. K. (Org.). (2004). *Vozes cidadãs: Aspectos teóricos e análises de experiência de comunicação popular e sindical na América Latina*. Angellara.
- Sennett, R. (1992). *The conscience of the eye: The design and social life of cities*. W. W. Norton & Company.
- Shiva, V. (2003). *A monocultura da mente: Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. Gaia.
- Simmel, G. (1979). A metrópole e a vida mental. In O. G. Velho, *O fenômeno urbano* (pp. 10-25). Jorge Zahar.
- Santos, B. S. (2007). *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. Boitempo.
- Santos, B. S. (2010). *Epistemologias do Sul*. Almedina.

---

Artigo recebido em 10 de Novembro de 2022 e aprovado em 16 de Novembro de 2022.